



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

1 DE SETEMBRO DE 1956
Ano XIII — N.º 326 — Preço 1\$00

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE CARLOS

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

Facetas de uma Vida

Baptizado dia 4 de Novembro de 1887, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, distrito e diocese do Porto, pelo P. António da Rocha Reis, Abade da mesma freguesia. Nasceu na dita freguesia pela uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887; filho legítimo de Ramiro Monteiro de Aguiar, lavrador, natural des-

ta mesma freguesia de Galegos, e de Teresa Ferreira Rodrigues, lavradeira, natural da freguesia de Paço de Sousa, deste concelho de Penafiel, recebidos na freguesia de Paço de Sousa, paroquianos desta de Galegos e moradores no lugar do Bairro (1). Neto paterno de José Monteiro de Aguiar (2) e de Albina dos Santos (3), e materno de António

Joaquim Ferreira (4) e de Lourença Rodrigues (5). Foi padrinho Joaquim da Rocha (6), casado, negociante, e madrinha Maria Ferreira de Aguiar (7), solteira, filha família. Foi o oitavo filho de Ramiro e de Teresa.

Eis os nomes dos oito filhos por ordem da idade: José, padre, missionário na Índia Inglesa e depois pároco de Paredes, Penafiel. Joaquim, lavrador na casa do Bairro, Galegos. Maria, casada em Irivo, na casa da Carreira. Jaime, empregado superior da Companhia da Zambézia, na África e senhor da casa de Antelagar, Paço de Sousa. António, formado em medicina. Zeferino, negociante na metrópole e no Brasil. Américo empregado no comércio em África, e finalmente sacerdote aos 42 anos de idade. Passou a infância no regaço afectuoso da Mãe, que por ser o último filho dum bando de 8 e ser ele dotado dum espírito terno e caseiro, lhe dedicou sempre carinho especial, mesmo depois de o ver colocado na África. Ele não sabia viver sem a Mãe, nem a Mãe sem ele. Completavam a alegria um do outro. Aprendeu a doutrina cristã rapidamente, ensinada pela Rosa do Bento, e fez a primeira comunhão na terra natal, procurando sempre conformar as suas acções com a doutrina que aprendeu. Os irmãos chamavam-lhe o «beato». Quando atingiu a idade escolar, foi aprender as primeiras letras e instrução primária com o mestre régio da freguesia, Joaquim da Sil-



Como o Sol que franze a face, assim a Caridade o consumiu.

Venda do Jornal

A última vez não fôra, mas hoje retomei meu velho costume «alfandegário» à chegada dos vendedores.

É que uns tantos, sobretudo os de Braga, vêm providos de moletes, doces e outras iguarias, que uma vez, há perto de dois anos, por brincadeira, quis ver e provar. O certo é que o acto pegou de raiz e germinou um hábito.

Por tudo, e por mais isto, esta hora é sempre uma hora cheia. Eu protesto que não me mostram tudo, que o melhor o escondem eles para si e pros compadres. Eles que não senhor. E acabamos todos por confraternizar depenicando os farneis.

Pai Américo pôs uma vez no «Isto é a Casa do Gaiato» os seus receios de que eu viesse a «afogar» a Obra em «copos de água». Lá pelo que agora conto, os senhores não se assustem que assim não há-de ser, se Deus quiser!

Desta vez os rapazes vinham menos espumantes que a outra quinzena. Ainda assim a venda foi bastante boa, a razar pelo triplo do que vinha sendo ultimamente: quase 12.000.

Do penúltimo número tiraram-se 70.000 exemplares e os poucos que ficaram não darão por muito mais tempo para satisfazer a onda de pedidos de novas assinaturas a começar naquele número.

O último ainda está na máquina à hora em que escrevo. Como prevenira, os Senhores assinantes tiveram de esperar um bocadinho mais. Nos últimos dias tem-se trabalhado quase 24 horas. A velha «Planeta» geme, mas nem mesmo assim nos permitiu ser mais pontuais.

Temos, no entanto, esperança de melhoras, já na distribuição deste número. Porém, a cura radical, essa só uma impressora automática. Que belo modo de difundir mais depressa o pensamento do Pai Américo contido em tantos livros seus, há muito esgotados!

Quem se lembra desta homenagem? Quem?

Continua na 2.ª página

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

O facto de os dois derradeiros números terem sido preenchidos com os últimos actos da vida e notícias sobre a morte de Pai Américo (ia a chamar-lhes números extraordinários, mas não era bem, porque o nosso desejo foi que eles se parecessem com «O Gaiato» de sempre, simples, sem encenação, como Pai Américo o faria), este facto—digo—impediu-nos de dar notícia de quanto a mão de Deus se nos tem aberto pelas mãos visíveis dos Seus filhos. Hoje aqui damos conta resumida e que ninguém se assuste se não vir o seu donativo, que, com certeza, ele cá veio dar.

Começamos por fábricas e oficinas, de onde surgem por vezes vozes de devoção heróica. São 50\$00 das costureiras da

alfaiataria do Hospital. Mais mil do pessoal da Firma Lyra no 12.º aniversário da sua fundação.

«Vai todo o pessoal da «Metalúrgica das Campinas» contribuir com modesto óbulo—dentro das suas paupérrimas possibilidades—para a sacrossanta Obra do Santo Padre Américo... Dos pobres, para os pobres...» E vieram 500\$00 gotejados um a um.

«Produto da subscrição entre alguns funcionários do Banco Pinto e Sotto Mayor—filial do Porto, 750\$. Os operários da Cerâmica de Vala-

dares que, «de forma alguma podiam ficar indiferentes», 600\$.

Agora é o pessoal de escritório da Estação de S. Bento. Uma longa lista de pedras pequeninas no total de 212\$50.

«Em nome da n/ Sociedade e do pessoal», a Textil do Seixo manda 1.182\$50. Não é a primeira empresa, que hoje aqui aparece, nem será a última, em que patrões e empregados, «cor unum et anima una», se apresentam a contribuir. Como Pai Américo apreciava

Continua na 3.ª página

SETUBAL

Antes que o mundo nos queira ou pretenda ver doutra maneira, nós queremos e procuramos ser homens de Deus, filhos e servidores da Santa Mãe Igreja.

Foi este grande amor à causa de Deus que levou o Padre Américo a fundar as Casas do Gaiato e a colocar à frente de cada casa um Padre Católico. Para matar a fome, vestir, educar e encaminhar socialmente uma criança, não era necessário pôr um Padre. Qualquer pessoa de bons sentimentos o faria.

Então quê? É que as Casas do Gaiato têm que ser Santuários de Almas. É esta a nossa grande preocupação e a nossa missão.

Passou há dias o primeiro aniversário do abrir das portas desta Casa de Setúbal. Como no primeiro dia, também agora nos juntamos todos à volta do altar do Senhor a louvá-Lo por tantos benefícios e agradecer-lhe tantos favores.

Foi um ano cheio de ben-

ções. Abrimos as portas com meia dúzia de pequenos vindos das Casas do Gaiato já existentes e neste dia vimos à volta do altar já sessenta crianças vindas da rua.

Parece que Deus está a encaminhar as coisas para que esta Casa do Gaiato seja um grande farol de luz. O nosso grande desejo é que a nossa Capela seja dentro de pouco tempo o centro da vida espiritual daquele povo ali à volta. Gente tão abandonada!...

Ainda a maior solidão que nos parece à volta da nossa Casa, é motivada pela ausência quase completa, ou completa mesmo, da vida espiritual; e por isso, muita ausência de Deus.

Ouvi dizer há dias em Lisboa que os arrabaldes de Setúbal eram em Portugal os mais descrentes. Eu acredito e posso dar testemunho.

E não digo só descrentes; parece-me que são também os mais atrasados. E esta gente

Continua na 2.ª página

Facetas de uma Vida

Continuação da primeira página

va Pinto, em Pereiras, onde então funcionava a escola, manifestando inteligência e vontade de saber. Em Setembro de 1897 foi o Américo com o irmão António para o Colégio do Carmo, em Penafiel, como externos, entregues aos cuidados da Sr.ª D. Humbelina de J. Henriques, senhora, como ninguém mais, capaz de os fazer andar direitos como fusos. Do António queria o Pai fazer alguma coisa pelas letras. «O Américo vai para o comércio, mas, se não for de todo refractário às letras, quero habilitá-lo com o curso comercial». Em Maio de 1898: «O António estuda muito e não perde tempo em brinquedos. Os professores elogiam-no. O Américo não é destituído, mas a folgareta tem tais encantos!...» Em Outubro de 1899 foram os dois, António e Américo, para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras. Aquele frequentava o 2.º ano do curso dos liceus; este, francês e português, e depois estudará inglês e alemão, para ir para Lourenço Marques. O Américo manifestou-se bom estudante, melhor do que o António. Pensou-se em dar-lhe uma carreira eclesiástica e ele mesmo mostrou firmes desejos de a seguir. Pedia à Mãe para ser padre e esta escutava-o com vivo entusiasmo. Mas o Pai não concordava: «O quê?! Não tem feitiço para padre. Cantar, dançar, viola, pândega... Comércio, comércio. Não tem vocação para padre». Em Agosto de 1902, o Pai dizia: «Eis o que penso acerca do Américo: Não o acho com feitiço para padre. Outra carreira pelas letras, é tarde para a seguir, porque só aos 28 anos de idade a teria concluída, não perdendo ano algum, o que não é de esperar... O rapaz tem energias e faculdades de trabalho, aptidões variadas, e no comércio, se tiver juízo, aos 28 anos de idade pode ter, quando menos, meia subsistência ganha honradamente, sem sacrifício da bolsa dos irmãos. Bem basta o sacrifício pelo António que, se não for pelo caminho das letras, todos os outros lhe são desconhecidos e para ele intransitáveis». O Américo quis fazer exame no Seminário, mas o Pai não deixou. Fez exame no liceu, para o comércio.

Em Outubro de 1902, já estava colocado no Porto, numa loja de ferragens, (8) Rua de Mousinho da Silveira, 110-112. «Estou muito bem, os patrões são muito meus amigos. Passo muito bem. Não estou arrependido pela escolha que fiz, e mesmo quando o Pai me falou, já tinha a casa arranjada e tudo pronto». Era gente boa e piedosa; não se perdiam as devoções da Igreja! Ajudava às missas e confessava-se muitas vezes, na Igreja do Seminário, à Sé. Vivia num ambiente de piedade que lhe aguçava o desejo de ser padre. Em Setembro de 1905, matriculou-se no Instituto Comercial e Industrial do Porto, sem deixar o

serviço da casa onde trabalhava. Começou, então, a sofrer de reumatismo que lhe passou com a mudança para África. Em Novembro de 1906, foi para África, para ser colocado no comércio pelo irmão Jaime que desde Maio de 1898 estava na África. Embarcou em Lisboa no «Prinz Regent», no dia 19 de Novembro de 1906, e dia 24 de Dezembro do mesmo ano, chegou ao Chinde, às 3 h. da tarde. Visitou Tânger e Mar-selha. Dedicou-se ao estudo do inglês. Em Julho de 1907, estava colocado numa importante companhia inglesa, no Chinde, The British Central Africa C.ª L., que serviu bastantes anos. Gostava muito da sociedade com os ingleses e da terra, por ser saudável. Inspeccionado em Quelimane dia 19 de Agosto de 1907, foi isento do serviço militar pelos números 7, 13, e 67 da tabela. Prêviamente, em 10 de Julho de 1907, tinha requerido certidão do Registo Criminal, que lhe foi passada na mesma data: «Nada consta contra Américo Monteiro de Aguiar, empregado comercial, residente no Chinde». Em 7 de Abril de 1912, embarcou na Beira para Portugal, em gozo de férias, via Canal de Suez. Chegou a Lisboa em princípios de Maio, e em Novembro de 1912 já estava no Chinde. Em 1917 voltou a Portugal. Foi à Guarda com o Pai visitar o irmão António que estava no Sanatório. Regressou ao Chinde, para a mesma casa inglesa. Em 7 de Maio de 1921 estava em Lourenço Marques na casa alemã Breyner & Wirth. Em 1922 estava de novo em Portugal. Tirou-se então o grupo fotográfico na casa do Ramos. Voltou a África, Lour. Marq. Em 1923 estava de regresso e em Outubro desse ano entrou no convento franciscano de Vilariño, Tuy. Por particulares disposições de espírito, suscitadas por correspondência aturada com o Prelado de Moçambique, D. Rafael da Assunção, actual Bispo de Limira, resolveu abandonar a vida que levava, e em Outubro de 1923 entrou no noviciado, no convento de Santo António de Vilariño, Tuy, onde esteve como postulante 9 meses, estudando ciências e latim. Depois tomou o hábito e foi noviço durante um ano, continuando durante esse tempo os estudos de latim. Tinha passado 21 meses, após a entrada no convento, quando, em reunião de Capítulo, a votação lhe foi desfavorável. Chamado pelo Guardião, este pediu-lhe para desistir, alegando que «não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista».

Em Julho de 1925 chegou a casa desfalecido, desorientado com tal decisão imposta pelo Guardião. Insistindo pela vida eclesiástica, pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. «É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desenganos em casos semelhantes. Pou-

pe-me esse desgosto». Falou-se ao Senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel L. Coelho da Silva: «Que venha. Vamos a ver o que sai». Saiu o que saiu. Mais tarde, falando-me o Bispo do Porto sobre o Américo, disse-me «que estava arrependido pelo não ter admitido, que tinha dele magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considerava como benção para a sua diocese». E, como desabafo íntimo: «Ou cá ou lá, serve a Igreja, enfim presta serviços a Deus».

Padre José Monteiro de Aguiar

(1) Há nesta freguesia dois lugares do Bairro. Bairro de Cimo e Bairro de Baixo. O Bairro de Cimo é conhecido vulgarmente pelo nome de Loureiro, devido ao apelido do dono do principal casal do lugar, os Loureiros, o Loureiro. O Bairro de Baixo, onde nasceu o Padre Américo, é constituído por um só casal, a casa do Bairro, dos Aguiars.

(2) Senhor da casa do Bairro. Morreu novo, em 18 de Maio de 1853.

(3) De casa de Rabilhas, Ordins, freguesia de Lagares. Morreu nova, do parto de Ramiro, em Julho de 1848.

(4) Senhor da casa de Antelagar, freguesia de Paço de Sousa.

(5) Oriunda da casa de Vales, Ca-deade, freguesia de Paço de Sousa.

(6) Segundo tio por afinidade do neo-baptizado, casado com Matilde de Aguiar, e morador no lugar do Outeiro, freguesia de Galegos.

(7) Irmão do neo-baptizado e moradora na casa do Bairro.

(8) Era neste estabelecimento que o Prof. do Seminário da Sé, Dr. M. Coelho da Silva, esperava a chegada do carro eléctrico, para seguir para a Foz, onde morava. (Vide referência ao caso, escrita pelo Padre Américo. Facetas duma vida—número anterior.)

Visado pela
Comissão de Censura

SETUBAL

— Continuação da 1.ª página —

é tão boa!... E tão recuperável!...

Há tempos escrevemos uma palavrinha a alguns senhores de grandes herdades e houve quem se ofendesse. Nós não apontamos ninguém e nem temos direito a isso. Pregamos o bem e procuramos denunciar o mal. E aquilo que dissemos não se aplica a todos os donos de herdades. Há felizmente à nossa volta patrões que sentem a vida dos seus trabalhadores. Há herdades com serviços de assistência bem montados: serviço médico, escola, igreja com culto, cantina, creche, salões de recreio, máquina de cinema, salário justo, tudo o indispensável à vida sã e honesta dos trabalhadores. Louvores sejam dados a estes patrões.

Mas há também, e talvez na

maioria, patrões que não se preocupam com a vida daqueles que os servem. Entregam a feitores ou a capatazes, muitas vezes pessoas sem escrúpulos, e nada mais querem saber; preocupa-os mais os lucros ao fim do ano.

O dia do Senhor, que é o domingo, não é guardado, nem respeitado o dia de descanso semanal de que falam as nossas leis, é letra morta. O homem torna-se uma máquina bruta. Quando acabar, acabou.

Mas não pode ser assim. O homem, seja ele quem for, é um filho de Deus e um cidadão da Pátria. Ensine-se e dê-se-lhe tempo de ele cumprir os seus deveres.

Como é triste, nos tempos de maiores trabalhos agrícolas, encontrarmos aos sábados à noite assalariadores a contratarem os trabalhadores para o domingo e a oferecê-los jornas mais altas!

E ainda assim se compreende um pouco nas épocas de muito trabalho, embora não esteja bem.

Mas há milhares e milhares de trabalhadores que durante toda a época dos contractos de trabalho não têm um dia de folga.

Estará isto assim certo? Poderemos nós ficar calados? Terá alguém de boa vontade direito de nos censurar?

Teriam carradas de razão para nos censurar, se nós, sendo Padres, soubéssemos tudo isto e ficássemos no nosso silêncio.

Dizemos tudo isto para bem duma sociedade mais perfeita e mais justa.

Padre Horácio

Chales de Ordins

Abre hoje esta coluna com o Sanatório de Celas à frente. São orações, em troca dum chales médio branquinho. «É para uma futura religiosa que não deixará de rezar pelas artezãs de Ordins pedindo para que essa bela obra progrida cada vez mais». Um vale de 100\$. Porto, «idem». Lisboa, com a mesma quantia, um dos pequenos.

O território português está disseminado pelo mundo inteiro. Fala-se no Continente e logo ecoa no Ultramar. Os nossos chales são mais um exemplo. Todas as Províncias nos batem à porta. A Beira (África Oriental) vem com 200\$ para dois pequenos. São

(Continua na quarta página)

O que nos dão no Tojal

Uma vez que a secção «Do que nós necessitamos», que começou por ser o que o nome indica, veio a transformar-se em relação de quanto chega a Paço de Sousa, também não repugna que este título vá encabeçar rol de algumas coisas muito necessárias nesta Casa do Gaiato.

A verdade é que Lisboa já esfrega os olhos, sim; mas não está ainda perfeitamente acordada para as obras sociais. Perdido no turbilhão da vida cidadina, o lisboeta tem mais dificuldade em atender ao que já existe na sua terra para servir a sua terra; e, conhecendo mal, não pode bem amar. O bairrismo, que é detestável e contraproducente quando cai no exagero exclusivista, constitui, em dose equilibrada, uma fonte de actividade capaz de produzir salutareos movimentos. Ora em Lisboa, por causa do atordoamento provocado pelo dito turbilhão, não há bairrismo e é pena. Oxalá ele desperte no coração do povo e reforce aquele vínculo familiar que espontaneamente se estabelece entre quem vive próximo. O preceito da Caridade é mesmo

ao próximo que nos manda amar, justamente porque Deus trata com os homens à maneira dos homens e sabe muito bem que jamais eles seriam capazes de se interessar uns pelos outros, se não houvesse uma certa comunidade de vida que a proximidade dá.

E já agora, se me dessem licença e promettessem que ninguém se escandalizaria, eu deixava aqui pedido que nos oferecessem antes o valor que o ferro-velho dá em vez de tantos objectos cujo transporte e armazenagem acabam por ficar mais caros do que quanto eles valem. Será uma maneira mais perfeita de dar, porque mais inteligente e mais participada por quem dá. Creio que ninguém pode levar a mal que a gente peça perfeição, uma coisa tão nobre de pedir!

Ora pedindo, não faço mais do que passar a outrém as setas com que me crivam.

Na rouparia é clássico o coro das lamentações. Realmente, nos últimos tempos têm rareado as remessas de roupa dos vossos filhos que já lhes não serve e fica admiravelmente, senão a este, àquele dos nossos 110 filhos. Panos para camisas

e cuecas. Mais panos para lençóis e travesseiros. Cotins e fazendas para calças e fatos. Toalhas, linhas, elástico... são preciosidades, que todos os meses nos custam os olhos da cara. E se tu desses uma volta ao teu bragal e às gavetas da roupa de vestir e fizesses uma limpeza?

Se da Rouparia descermos à Cozinha, são aluminhos que envelheceram, talheres que se estragaram e se vão perdendo, máquina de ralar batata e feijão que quebrou e por isso o nosso caldo anda tão aguado... E mais não digo.

Como se as necessidades de todo o ano não bastassem, com o verão surge a Colónia Balnear na Ericeira e o Seminário-Chefe dela aí vem com uma lista: candeeiros Petro-max, fatos de banho, toalhas, um fogareiro a petróleo, bonés e chapeus, rings e bolas.

Até o nosso dentista, que com amor tão persistente nos vem curando nevralgias há uns poucos de anos, lembra aqui a falta que lhe faz uma máquina eléctrica de brocar.

E já agora, sou eu, por minha conta e risco. De constru-

Continua na terceira página

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

— Continuação da 1.ª página —

estes gestos! Da «Ultramarina» 500\$00.

Mais esta oração de um grupo de operários da Fábrica de Malhas Imperial: «Por alma do saudoso Padre Américo juntamos esta pequenina oferta para que tenhamos saúde e trabalho. E que esta pequena dádiva de humildes operários (120\$) possa ser futuramente uma oferta maior.»

Na Fábrica de Estamparia de Lavadores, andou seu director pelas várias secções: Armazém do Crú, Expedição, Dobragem, Retalhos, Calandras, Cozinha, etc. etc. e recolheu 2.202\$50. A Gerência associou-se aos empregados com 2.797\$50 e temos 5.000\$00 daquela Fábrica. Se os homens fossem todos de boa vontade como seria realidade a promessa dos anjos na noite de Natal: a Paz. E adeus questão social!...

As empregadas da Fábrica Rayone mandaram cá uma mensageira, de lágrimas nos olhos com 450\$10.

«Do pessoal da «Candidinha» 270\$ «em substituição de um ramo de flores». Muito bem! Mais 60 metros de flanela da da Estamparia Fécoli de Sto Tirso. «Mais uns tostões, referentes ao 1.º semestre de 1956 dos mealheiros existentes nas cinco oficinas da Fábrica de Tabacos a Portuense». Foi-se a ver e os tostões converteram-se em 1.916\$50. E «a precisão continua até ao dia 1 de Janeiro se Deus quiser».

Mais 51\$ do pessoal da Mobil Oil Portuguesa. Mais 615\$ de operários de uma Fábrica de S. Roque da Lameira.

Agora desfilam os grupos excursionistas e recreativos. Vemos os «Unidos de Coimbra», «Conjunto ciclista de Gondomar», «Os Firms do Porto», «Os bem falados» do bairro da Sé, e muitos outros que nos falta a memória.

Os moradores da R. Anselmo Braancamp entregaram 1.032\$30.

O Curso de Farmácia de 1938-1943 enviou 655\$90. Raparigas da LEC em colónia de férias na Figueira da Foz e mais outras acampadas na Granja com 1.013\$50 e 620\$, respectivamente.

Agora é a vez de outra categoria de peditórios. O Capelão de S.ª Anastácia na Foz do Douro veio a 1.ª e já a 2.ª vez, com a contribuição dos fiéis que frequentam aquela capela. Foram 1.654\$50 e 1.190\$00. Se bem compreendi, conta-se comemorar naquela Capela os dias 16 de cada mês (mesmo sendo à semana) com Missa e peditório em nosso favor. Em Vilar Formoso, à missa do 7.º dia por alma de Pai Américo pediu-se e juntaram-se 1.687\$70. Em Rio Tinto o mesmo. Na praia da Nazaré, também. E sei que por muitas outras terras do país lembranças iguais tiveram realização.

Também em Termas, aquis-tas tiveram ideias semelhantes. Tenho aqui uma carta de Mondariz, na Galiza, com 682\$ e o alvitre de que em outras estâncias de turismo, outros

façam de igual sorte. Muitos surgem a cumprir promessas, alguns até com juros por se tratarem delas antigas. Muitos donativos para Missas, que vamos cumprindo como podemos. Um comerciante da Rua de Santa Catarina, ofereceu 20% das vendas de um dia, quer dizer, todo o seu lucro desse dia. Quis que um rapaz dos nossos fosse ao fechar da caixa e ele mesmo trouxe 924\$90.

Não têm faltado os sócios da «viúva dos 8 filhos» e daquela que «só dá pão ao filho quando ele barrega». Também muitos se lembram dos Pobres do Barredo e dos nossos Pobres em geral. Actos heróicos a que esta secção já está habituada repetem-se agora com maior intensidade e frequência: renúncias a prazeres legítimos, às vezes tão pacientemente preparados em mealheiros humildes; primeiros ordenados e aumentos e abo-

nos de família; transfusões de sangue que se transformam em transfusões de amor; alguém que paga a assinatura «de quem pode menos do que eu» (e pede que lhe digam quem, para continuar); «migalhas» de useiros e vezeiros; a importância do que «pessoa de família desejava oferecer-me no dia do meu aniversário»; os «dois amargurados» com a mensalidade costumada, etc., etc.

África e Brasil estão representados. Da cidade de Moçambique até um muçulmano com um cheque de 100\$ «para as crianças». Cremos, raças, cores—tudo a Caridade une.

Mais um Carlos de Nelas, liquidando uma «dívida» e prometendo para breve os «juros». Eu tenciono marcar-lhe os «juros».

Mais 650\$00 dos frequentadores de um Café do Porto. Mais outro tanto de uma sessão cinematográfica organizada pelos rapazes de Santa Comba Dão. Mais 1.231\$40 por intermédio do «Comércio do Porto». Mais o mundo de coisas que vai ter ao 54 dos Clérigos.

O que nos dão no Tojal

— Continuação da 2.ª página —

ções estamos mais ou menos remediados. Estão prontas umas belíssimas oficinas. Mas que é feito das máquinas para elas? Ora temos carpintaria mecânica com lugar para serra de fita, tupia, torno e plaina. Temos serralharia à espera de engenho eléctrico de furar, de esmeril amovível, de torno e limador e posto de soldadura a autogénio. Temos alfaiate só com uma máquina e sapateiro sem máquina nenhuma. E uma tipografia que há-de começar por uma ou duas minervas e o necessário tipo para composição manual. E temos mais o balneário que vai principiar e reclamará depois caldeira para os banhos no inverno.

É um programa vasto e dispendioso. Quem toma sobre si esta ou aquela parcela, se é certo que onde todos pagam nenhum total é caro?!

Isto, algo de que esperamos que nos deem. Vamos então ao que nos têm dado.

No Banco, os Empregados do Crédito Predial com 200\$. Visitantes com 69\$50, mais 45\$. Da «Formiga» «para um Gaia-to que se chame Carlos, por alma do meu Carlos», um fato, camisa e meias. Foi o Carlitos, o «meu feitor», o Carlos da boa sorte.

De uma viúva da Penha de França «com pena de não poder dar mais», 50\$00. Outro tanto de «uma gratificação das horas extraordinárias». E o memo entregue no Lar. E outra vez a mesma importância para uma «Missa por alma de meus santos Pais». Foi celebrada. Mais visitantes com 162\$00 e outros com 77\$00 e um vale de 40\$00 de uma devota de Santa Filomena. De um grupo excursionista do Bairro da Encarnação 119\$00. Um velho amigo, de Coimbra, quer marcar presença mensalmente com 50\$. Já vem de há meses e não fal-

ta. O peditório no Campo Grande rendeu 3.423\$70. De uma promessa por um exame 200\$ e «Dois Jovens quaisquer» com a prestação de Junho: 150\$00. E o «Casal de Arroios» 100\$00 referentes ao mesmo mês. Dos empregados da Nestlé, um vale de 193\$00. Mais dois vales de 30\$00 cada. Mais o pessoal da Mobil Oil Portuguesa com a contribuição de Maio: 1.215\$. Tal como a esta companhia, pedimos às outras donativos em gasolina para as nossas furgonetas que têm tanto que andar. Até agora respondeu-nos a Shell com quatro latas do seu óleo X 100/30.

Mais visitantes com 40\$00, 24\$00, 34\$90 e 50\$00. Mais 500\$00 e 100\$00 e 300\$ para Missas. Da Federação dos Produtores de Trigo 751 kgs. deste cereal, que tem sido muito poupadinho para chegar ao novo. Graças a Deus já o temos no celeiro e a produção foi bem boa.

Mais uma cama de ferro de bebé. Já me esquecia que precisamos urgentemente de dois divãs, do mesmo tamanho, de preferência. Mais visitantes com 100\$ e 900\$ e, para missas, 150\$, mais 50\$.

Mais de assinaturas pagas durante o mês de Junho: 820\$. Algumas coisas (poucas!) no Montepio.

Agradecidos pelo passado, ficamos aguardando o futuro, confiantes na vossa atenção àquilo que pedimos.

P. S.: Faço minhas as palavras do cronista do Lar quando pede que nos ajudem a encontrar uma Casa em Lisboa, onde não abafemos. Eu corro o Diário de Notícias todos os dias. Pergunto a amigos e conhecidos. Pego a toda a gente que olhe as janelas com escritos e cheire se é coisa que nos possa servir. Mas até agora, nada. Que difícil morar nesta cidade de mármore e granito!

O NOSSO RETIRO

Como no ano transacto, também este foi no Mosteiro de Singeverga, em Negrelos.

Ao fim de cada ano, em todos os escritórios se fazem balanços, a ver se há negativo ou positivo.

Também fizemos o balanço. Porém as contas são outras e mais importantes. São algarismos bem mais difíceis de apagar do que aqueles que escrevemos no quadro.

Foi chegado o momento de usarmos do travão e tornarmos o déficit mais suave.

A consciência ditava-nos que seguíamos em excesso de velocidade, por isso à margem das leis. Neste corrida desenfreada estatelar-nos-íamos com toda a certeza.

Não há nada que desuorteie mais um ser humano do que a má disposição interior. Por isso nossa obrigação era deitar água na fervura, para andarmos com mais calma, fé e mais certeza e conhecermos melhor a terra que pisamos.

Cinco e meia. Camioneta estrada fora com um grupo de 30 rapazes, respirando alegria por todos os lados. Cête, Paredes, Paços de Ferreira e Singeverga.

Estamos no meio de denso folheto. Árvores cheias de viço estendem-se ao longo desta poética paisagem, em pleno louvor ao Senhor dos exércitos.

A camioneta pára. Todos saem. Descemos um caminhozito e estamos no Mosteiro Beneditino de Singeverga.

Logo nos apareceram Frei Vicente, Frei Simeão e mais, a quem abraçamos, pois já somos velhos amigos!

Jantamos e daí a nada começou o retiro. Era pregador o Rev.º Senhor Padre Honorato, do Seminário dos Olivais, de quem ficamos a gostar muito, pela facilidade com que nos entrava no espírito.

Começa o dia a fechar e entramos na noite. Rezamos o nosso Tergo e no fim um cântico a Nossa Senhora como costumamos na nossa aldeia.

Damos uma volta. Tudo é paz e sossego. Já estão as estrelas a brilhar. Sentamos um pouco. Apenas se ouve a voz de um fiozinho de água que passa a nossos pés. Este lugar foi mesmo escolhido para meditar e falar um pouquinho com Aquele que é tudo. Que bem aqui estamos! Não fosse termos de seguir, e ficaríamos aqui sempre. Por todos os lados flores, jardins e plantas bem tratadas. Schiu! Ouço qualquer coisa. São os monges a cantar na capela do Mosteiro. Estão a dizer o último adeus, antes de repousarem um pouco. A lua, cheia de curiosidade, vai-nos espreitando, o orvalho começa a cair e vamos para a cama.

O primeiro grupo foi no dia 11 e veio no dia 14 à noite. Depois foram os médios que estiveram até 16.

Ficaram todos muito contentes e criaram novas amizades.

Temos as melhores impressões deste retiro, que não tenho dúvida nenhuma, fez muito bem a todos. Graças a Deus. Esperamos para o próximo ano voltar para sermos melhores e sermos mais agradáveis aos olhos de Deus.

Tlim... Tlim... Tlim... Tlim! É o som dos sinos por entre as verdes ramagens, chamando os irmãos beneditinos para as primeiras obrigações do novo dia que começa a despontar. Estamos mais um bocadinho na cama, pois o dia para nós ainda não começou.

Quarta-feira, dia da Assunção da Virgem Nossa S.ª ao Céu. Assistimos ao Santo Sacrifício na Capela do Mosteiro, pois é dia de festa. Ficamos muito entusiasmados. Os Beneditinos são mestres nestas cerimónias. Nunca mais esqueceremos este dia, ao longo da nossa vida, onde quer que nos encontremos.

Não podia terminar sem expressar os mais sinceros cumprimentos a todos os que nos distinguiram com o seu carinho e amor. O trabalho do Rev.º Sr. Padre Honorato. O dos refeiteiros, que tinham muito que fazer, por alguns dos nossos se distraírem. Não tinham mãos a medir. Muito obrigado Frei Simeão, Frei Vicente e a todos, de todos e do

Daniel Borges da Silva

CRÓNICA DE PAÇO DE SOUSA

Lindo sol. Dias alegres, cheios de vida. Dá vontade de passear e os amigos leitores assim fazem, pois todos os dias cá temos muitas visitas. Então aos domingos nem se fala. São autênticas romarias, aqui em Paço de Sousa.

Vem cá passar o fim da semana e arranjar forças para novos dias de luta.

— Oito horas. A malta já se encontra nas oficinas e outras obrigações. Passo pelo refeitório, por notar um barulhozito. É uma cafeteira cheia de café e «Manuel Bucha» e o «Menina» puxando cada um para seu lado:

— Deixa!
— Deixa mas é tu.
— Isto é meu.
— Como é fino!
— E para mim?

Diz o «Menina»: Já não preciso disso para nada, mas vou fazer queixa ao Chefe!

— Vai que eu depois digo-te!
A verdade é que o «Manuel Bucha» tomou o café mas o resto que se passou eles o podem contar. Pelo menos para o hospital não foi nenhum!...

x x x

Não têm faltado os tribunais. É a fruta madura a causadora de tudo isto.

— Tira dois para cada um!
— Anda cá também.
— Nada. Não que eu «como» como um sargento!
— Por fim lá se entenderam.
— Anda para aqui para dividir.
— E se nos vêm!
— Ali vem o Chefe, já!
Lançam a fruta fora, nem a chegaram sequer a saborear, para poderem negar.

Vão ao tribunal. Aqui conseguem saborear um chá de cana!...

— Tem havido aqui muitas desordens. É a Volta a Portugal em bicicleta. Todos querem saber como foi: Quem ganhou?

Daniel Borges da Silva

PELAS CASAS DO GAIATO

ERICEIRA

— Desde o dia 5 de Julho abrimos as portas e temos em descanso e banhos de mar vinte e três dos nossos Gaiatos do Tojal. Os barracões estão velhos e precisam de obras. Houve um senhor que deu muito terreno aqui mesmo à beira e necessitamos duma casa capaz. Temos o monte perto e o mar em frente. O lugar é pitoresco, a praia razoável e quase nada frequentada.

Estamos numa praia de crianças. Perto de nós funciona uma outra colónia. São trezentas e tantas crianças que ali procuram um pouco de saúde que o corpo precisa, indispensável a uma alma sã. Todos assim pensam e querem; todos menos quem mais deve pensar e querer, porque vão dali muitas moralmente atropeladas. Beneficência e fachada.

— Os nossos rapazes que se vão revezando periodicamente vivem aqui a cantar e regressam ao Tojal a chorar. Não são os miúdos. O pão de cada dia fica-nos em perto de quarenta escudos. Todos eles pedem mais uma bucha no fim da refeição. Quem há aí que negue pão a seus filhos? Batatas com fartura foram colhidas na nossa quinta, azeite das nossas oliveiras, arroz, massa, feijão e o mais conforme se pôde comprar. Mas nós precisamos sempre de mais. Também não temos luz e precisamos dum Petromax. Candieiro de chaminé na mão de miúdos são vidros no chão daí a pouco. Não temos fatos de banho suficientes. Quem quer ajudar a infundir a modéstia nestes pequeninos? É possível que neles desabroche agora a inocência que não chegaram a ter. Já me vieram alguns dizer: «olhe que o de novo diz coisas tão feias!». Estes rapazes que há pouco eram das ruas sentem-se mal à beira de quem diz ou faz como else dantes.

Tem pena deles e ajuda-nos a criá-los. Olha que custa muito. Somos dois seminaristas para vinte e três crianças e não podemos dar a cada um a assistência que precisa. Rezamos três vezes ao dia pelos nossos benfeitores. Não queres para ti a oração duma criança? «Os seus anjos no Céu estão a ver constantemente a face de Deus»; a sua oração é tão querida d'Ele: «Deixai vir a mim os pequeninos». De sorte que é Jesus no meio deles e os seus anjos no seio de Deus a rezar por ti.

— Duma senhora na praia recebemos vinte escudos. Duns visitantes muito amigos mais sessenta, um sacco de batatas e um cabaz de peras. Que pena a vossa casa ficar tão longe! Quem nos traz agora uma bola de borraça para jogar na areia? A praia é tão grande, o tempo sobra e não queremos lagartos ao sol, mas velões a correr e cansar-se para que o ar puro do mar entre às golfadas a purificar-lhes o sangue. Quem apita? Nós apito já temos. É a outra coisa.

— Apesar do nosso Pai Américo ter partido do meio de nós temos de continuar como dantes. Há que dar alegria aos rapazes e o Pai Américo fica triste se lhe tiramos. Do teu sacrifício nasce a felicidade deles. Pai Américo fez agora o seu sacrifício máximo pela Obra que criou, por isso Deus o tem na Glória.

— O Carolas foi ao açúcar do remédio do Licas. É chamado a contas: tu sabes o que se fez às formigas que andavam aqui? Morreram todas com o calor do fogo! E agora que te hei-de fazer? O rapaz não falava, ele tremia e ao inclinar-me para ele ainda mais. Queres ser bom rapaz, queres? Então dá-me um beijo, dá. E o temor transformou-se em amor. O beijo duma criança arrependida. Aonde mais beleza? Só em Deus.

Zé Maria

TOJAL

Os Senhores com certeza que já se zangaram comigo, por não dar notícias há várias quinzenas, mas, esqueçamos as zangas com estas notícias frescas.

— O nosso trigo já está todo ceifado e enceleirado.

— Esta época o Criador de todas as coisas não se esqueceu de nós, enchendo-nos o celeiro de batatas.

— A venda do «Famoso» em Lisboa está muito abaixo de forma, pois já se venderam mais jornais do que se vendem hoje, mas nós não desistimos

e os leitores também não querem ficar para trás com certeza.

— Já começamos a vender nas praias. Entrámos com o pé direito, e Deus queira que acabe com o mesmo pé.

— Temos a nossa Colónia de férias em S. Julião da Ericeira, estando já lá uns 24 rapazes alegres e sorridentes tomando o ar puro do mar.

— Leitores: há muito que peço no «Famoso», uma bola de couro para a inauguração do nosso campo de futebol visto querermos fazer um jogo amigável e não temos o esférico. Até agora ainda não nos atenderam mas temos esperanças que os senhores não nos dão o desgosto de não recebermos a bola.

— Temos cá uma junta de vacas de trabalho, dando-nos mais lucro que a junta de bois que tínhamos, visto ajudarem-nos muito nos trabalhos de lavoura e recompensando-nos ainda com as crias.

— Os Senhores arrumem-se, atendam a este pedido: faz-nos muita falta para o nosso consultório um torno eléctrico para brocar os dentes às dezenas de rapazes que cá se encontram e que esperam ansiosos a vinda de tal aparelho, da mão de uma alma caridosa.

Oscar Manuel G. da Silva

LAR DE LISBOA

— Com a minha vinda do Tojal para aqui, nunca mais tive oportunidade de escrever para o «Famoso». Hoje venho fazê-lo pois que o Cascais (cronista deste Lar) está em férias, portanto pediu-me que o ajudasse e aqui estou a cumprir.

— Como já se disse em crónica anterior, e, nunca é demais insistir, lembro aos caros leitores que o Lar já se torna pequeno para os catorze rapazes que cá estão. Mais vão ser promovidos e lançados na aventura. Para isso o ideal era um rés-do-chão aí com doze a treze divisões e ainda um quintal, pois é esse o nosso objectivo; aqui não o temos. O nosso espírito irrequieto clama o que a Natureza nos oferece. Este Lar aqui na Rua Cap. Renato Baptista tem doze divisões mas são pequenas. Qual dos leitores toma seu o nosso apelo? Desde já os nossos agradecimentos e ficamos à espera.

— Já agora conto um caso dum pobre da nossa Conferência. É o do Coléginho. Este era moço de forja, sofria de úlcera no estômago. Para se curar teve que se retirar. Quem o ficou a sustentar a si e mais os seus quatro filhos foi sua mulher, que ora fazendo recados, ora esfregando casas, lá ia aguentando o barco. Nós levávamos lá o insuficiente que afinal servia para lhe incutirmos a coragem, dedicação, e nostalgia pelos seus. Hoje está restabelecido, mas não pode ir para o mesmo trabalho. Este pediu qualquer trabalho, desde que não seja pesado. Desde já lembro o número do Telefone 49001. Agora aproveite e em nome do pobre os nossos agradecimentos.

— Lembramos aos leitores que por acaso aí tenham fatos e outras roupas, quer interiores ou exteriores no-las enviem, pois a que cá temos já é pouca para tanta gente.

João de Deus M. Rocha de Assis

COIMBRA

Já é tempo de acabar com o silêncio em que tenho estado; e escrevo hoje, porque me encontro em férias.

Não tenho escrito, porque não tem havido assuntos especiais no nosso Lar e devido também à preocupação dos exames.

A primeira notícia portanto, são os resultados do ano lectivo.

O Alfredo Carvalho (Formiga) foi o primeiro a entrar em férias depois de ter feito o seu exame do 2.º ano da Escola Comercial noturna, demonstrando assim, grande espírito de sacrifício e uma vontade férrea pois que estudar na Escola noturna é remar contra a maré.

O Faísca transitou ao 5.º ano do Liceu e o Chico ao 4.º com notas excelentes.

Eu e o Lita dispensámos das provas orais no exame do 2.º ano.

De maneira alguma quero deixar de agradecer, se bem que não há palavras para agradecer a dedicação e o amor

que a Senhora Directora do Colégio Pedro Nunes nos tem, assim como todos os Professores.

Na verdade foi um verdadeiro ano lectivo. Cinco estudantes um do Curso Commercial e quatro do Curso Liceal.

Transpusemos assim mais um obstáculo, mais um ano. Presentemente encontramos-nos em Miranda a passar as nossas férias excepto o Faísca que as foi passar a Paço de Sousa.

A nossa Conferência Vicentina precisa agora muito mais do vosso auxílio porque durante as férias a maior parte dos confrades estão ausentes. É por esta razão que pedimos agora encarecidamente, porque os confrades que ficam, ficam a trabalhar com muita dificuldade. É necessário que nos enviem algumas migalhinhas para que a nossa Conferência se mantenha firme no cumprimento do Apostolado Vicentino.

Cá esperamos os vossos donativos confiantes na vossa generosidade.

Carlos Manuel Trindade

SETÚBAL

— No dia seis de Julho celebrou aqui uma das suas primeiras missas o senhor Padre Sobral. O Sr. Padre Sobral foi um dos que ajudou a fundar esta Casa. Os leitores não sabem o que é uma Casa destas em começo! Pois ele aqui esteve dando o seu melhor esforço e boa vontade para que ela andasse para a frente. Por isso era dever de todos nós, ou melhor obrigação nossa, prestarmos-lhe esta homenagem. Não fizemos grandes festas exteriores, nem isso era preciso. Era a primeira sexta-feira do mês. À Missa na altura própria o Senhor Padre Sobral disse-nos algumas palavras para a nossa santificação. A comunhão todos comungámos para que o Senhor se digne abençoá-lo no difícil mas sagrado caminho que seguiu.

— No dia oito fomos dar um passeio até à Serra da Arrábida. Saimos de Casa às 10 horas. O senhor Padre Horácio tinha de ir celebrar a Águas de Moura. Fomos todos na furgoneta e aí assistimos à Santa Missa.

Em seguida dirigimo-nos a Setúbal onde compramos algum peixe. Depois começámos a subir a Serra da Arrábida. Uma vez no cimo paramos para ver o panorama que dali se avista. É de facto formidável! Lá ao fundo o mar; os barquinhos não eram mais que pequenos pontos escuros nas águas azuladas do Oceano; lá mais ao longe a praia da Tróia. Depois começámos a descer a serra, à procura dum sítio onde almoçássemos pois a barriga já dava horas. No fim de andarmos bastante o Senhor Padre Horácio lá conseguiu descobrir um sítio onde almoçamos. Era na verdade um lugar formidável. Muitas árvores de sombra e água fresca. Uma vez aí cada um foi buscar lenha para assarmos o peixe. No fim dele assado era ver aquele que comia mais, tal era a fome. No fim, saciados, uns foram dormir, outros passear. Por volta das cinco horas voltámos para Casa na melhor das disposições.

— Já é a segunda vez que um cão dos nossos mata uma ovelha. Já tínhamos um rebanhinho, mas agora ficou novamente reduzido. Aqui há tantos rebanhos que se alguma pessoa nos oferecesse alguma não lhe fazia grande diferença. Eu cá fico à espera que o meu pedido seja atendido.

— Acabámos de tirar já as nossas batatas e graças a Deus foram bastante boas. As ameijoiras começaram já há muito a dar. Temos comido todos os dias e vendido muitas. Os perseguidores também já começaram a dar e também têm bastante. Houve já alguns meninos que se não contentavam com aquelas que lhe davam e toca de ir roubá-las. Mas o pior foi depois...

— As nossas porcas de criação tiveram nada mais nada menos de dezasseis porquitos. Era uma alegria! Todos queriam ir ver os porquitos. Até o Casimiro que é o mais pequeno lá saltou para dentro do curral e andava com eles ao colo. Nasceu também um vitelinho e esperamos que dentro de poucos dias nasça outro, ou melhor, havia de ser uma vitelinha para a criarmos. E por agora mais nada.

José Roque Crisanto

LAR DO PORTO

Conferência

Escusado será dizer que esta crónica é escrita com lágrimas, pela sentida perda do nosso querido Pai Américo. Estamos de luto que bem pesado ele é. Partiu o nosso e vosso amigo; amigo dos pobres e de toda a gente de bem. O bom exemplo é de tal ordem e os frutos de tal qualidade, que nos cumpre agora a nós completar a Obra que ele então deixou por completar. Não tentemos colher os frutos e deixar que a árvore seque, antes completemos a semente e sigamos seu nobre exemplo. Foi grande porque amou os pobres. Foi grande porque lutou e sofreu por eles, e eles na derradeira despedida, compreendendo o quanto Ele os amou, compareceram e tornaram grandiosa a última homenagem que lhe quiseram prestar.

Partiu como um justo. No sorriso que ainda ostentava lia-se a felicidade estampada no rosto. Felicidade do dever cumprido. Enquanto nós sentidamente chorávamos, Ele gozava já as belezas do Céu. Tinha Deus por companhia e os Anjos por seus gaiaços. Assim morreram aqueles que usam de caridade. Deus disse: «Tudo o que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos, a mim mo fazeis. Ganharás cem por um e o reino dos Céus».

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: Maria Glória M. Alves, Emilia Sousa, do Porto, e Maria Albertina Raimão, de Moita do Ribatejo, 20\$00 cada. Eduardo Castro Koch, do Porto, idem. De Lisboa, M. Silva, 100\$00. Assinante 2885, de Luanda, 20\$. José Miranda Júnior, o mesmo. Fernanda do Vale Pires, de Aveiro, idem. Artur Mendes da Fonseca, idem. Assinante 18223, idem. Adozinda Junqueira, Carrizado de Montenegro, 150\$. Assinante 17164, 50\$. Assinante 13815, 20\$. Zélia Gromicho Marques, de Alandroal, 32\$. Uma assinante do Porto com 20\$. Uma assinante de Luanda com 50\$. Doutor Gentil Guedes Gomes, Lamego,

Chales de Ordins

Continuação da seg. página

para Panoias, na Guarda, e isso é o mais bonito. O amor nos une.

Coimbra com 100 um de 90. Lisboa com 70 um de 60. Abrantes um dos pequenos. Oliveira de Azemeis, idem, «com as minhas humildes e íntimas orações». As almas orantes são Anjos do Getsémani, que nos alentam a não desanimar. «Vigiai e orai para não entrardes em tentação... A carne é fraca.»

Ribeira Brava, na Ilha da Madeira, manda 140 para dois dos pequenos. O fogo do Património dos Pobres, aqui aceso por Pai Américo, continua vivo em labareda, até. Ihavo 220\$ para um grande e outro médio, «com promessa de uma grande propaganda». Vamos a ver como cumpre.

Uma vicentina de Gavião 280\$ para um de cada tamanho. Mogadouro um médio, e a propagandista promete mais. V. N. de Gaia 250 para dois dos maiores. Águeda com 165 um dos pequenos e outro dos médios. Lisboa um dos grandes.

Para boa organização mandar os pedidos para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins—Paço de Sousa.

Padre Aires

Mas o Pai Américo não partiu, continua junto de nós em espírito. «Eles» continuará a governar a nossa Obra e ela florirá ainda mais, sempre cada vez mais, para glória de Deus e felicidade sua.

Peçamos a «Eles» por nós, pois os santos não precisam que peçamos por eles.

O QUE RECEBEMOS—De uma anónima de Coimbra para a sua pobre do Barredo 50\$00. De Conceição Ferreira Marques de Sousa Soares igual quantia, mas para o Pobre de S. Victor. Em sufrágio da alma do nosso querido Pai Américo um anónimo envia 25\$00.

A anónima M.M.M. associando-se à grande dor porque acabamos de passar envia 2.000\$00 para pagamento do nosso débito à mercearia. Esta senhora é já a terceira vez que vem em nosso auxílio e sempre no anonimato. A primeira vez (1954) com igual quantia e para o mesmo fim; há pouco enviou 12 contos para uma casa respeitando sempre o anonimato. Aos olhos de Deus assim tem mais valor. O nosso débito era de 2.510\$00 fora 500\$00 que devemos à Casa. Esperamos de outros a mesma mensagem. Também uma anónima chorando a mesma dor deixou 20\$00. A todos que Deus lhe pague.

Carlos Veloso

80\$. Alzira Valente, 50\$. Assinante 25989, idem. Todos estes donativos são em sufrágio da alma do nosso saudoso e miúdo querido Pai Américo. Os nossos Pobres também não faltaram com as suas orações. No próprio dia do funeral vergados ao peso da dor—e que dor!—fomos deabalada aos Pobres. Em vez de dar, fomos pedir; pedir que rezassem naquele dia um Terço por alma do seu grande Amigo; do Herói que tomou em plena batalha. E os Pobres— todos — de lágrimas, a soluçar e de mãos postas prometeram e cumpriram.

Atenção a esta carta: «Envio 20\$00 para dar a um canceroso, pois pelo bom êxito da operação de um canceroso é que eu mando este dinheiro, que é pouco (20\$00), mas oferecido com satisfação e pelo amor de Santa Filomena». Maria Teresa Raposo, assinante 21471, envia 30\$ e «possam esses poucos escudos auxiliar-vos a suavizar o sofrimento de algum nosso irmão doente e mais infeliz que nós». Assinante 19003, da Ponte da Pedra, 25\$.

Da aldeia do Guizá,—que terras!—50\$00. Saudades ao povo de Guizá! Raul Nunes, de Lobito, «20\$00 dos meses de Junho e Julho». Assinante 17826, idem. Senhora A. F., do Porto, idem. Maria Suzana Martinho, de Coimbra, 30\$00 e roga «uma pequena oração pelas intenções mais instantes». Do um anónimo uma carta que diz: «O selo que junto é destinado à vossa Conferência. Perdoem a insignificância». Foi-se a ver e valia 5\$00. Mais que o valor material, há o espiritual e este é que marca. Das Caldas, os costumados 50\$00. Apareceu, agora, uma carta de Lisboa: «50\$00 para a Conferência em memória do nosso Pai Américo, que continuará a viver convosco e a ser-nos estímulo imperecível». Que dizer mais? Nada. Um cristão fala assim. Euridice Rosmaninho, 5\$00. Doutor Agostinho Moutinho, idem. Dum assinante do Porto, 20\$ e promete enviar o mesmo todos os meses. Cá o esperamos. Penafiel, Firmino Pires, 20\$. Maria Dina Alves, idem. Adriano Silva, metade. Assinante 22893, 5\$00. João Henriques Moreira, 25\$. Da assinante 17.022, 40\$ e mais 20\$. Isto é o que se chama Persistência. Graças a Deus. Dr. Bernardo Antunes, 20\$. Teresa Pedrosa, 50\$00. Já no fim da lista aparece José Moreira a perguntar o que será melhor, comprar flores ou entregar aos pobres 20\$. Se Pai Américo falasse não perdia tempo a responder: Dê-se aos Pobres. E aqui vão muito direitinhos. Quase a dobrar a folha mais «10\$ para que o Pai Américo peça a Deus por um doentinho». E mais nada. A todos os nossos agradecimentos e a certeza que o Pai Américo no Céu não deixa de nos ajudar a levar a Cruz ao Calvário. Porquê? Está junto do Pai Celeste.

Júlio Mendes